

Para além do limiar

Com o vagar de despedida, dispusera os pratos sobre o escorredor. Naquela noite lavara-os quase com ternura. Percorrera a ligeira curva do branco com os dedos. Fixara o perímetro brilhante do friso dourado com olhos turvos. Aprendia-lhe o relevo. Decorava o padrão diminuto. Como se, nesse gesto, depurasse os pratos. E outros tantos objetos que passassem por suas mãos. Assim guardava elementos pelos quais pudesse visitar o passado no porvir. Elementos que dissociava das pequenas perdas afetivas que experimentara diariamente. Os vincos nos talheres, por exemplo. O desenho dos pés das taças de cristal. Enfileirou-as sobre um pano de prato na bancada da pia. No algodão branco, bordado, um bem-te-vi. Se fechasse os olhos, vinha-lhe o canto trissilábico. Abria-os. Adivinhava no amarelo das penas, alegrias de que se privara. Alegrias que estava prestes a recuperar.

Em segredo, comprara uma mala nova. Fazia seis dias. Uma mala boa. A melhor marca, dissera o atendente. Semi-rígida. Azul-marinho, com detalhes em couro. Quatro rodas giratórias. Alça telescópica. À calada, embalara nela alguns romances, cartas, saias, calças, camisas, roupas íntimas e ressentimentos. Por detrás da porta encostada, sublevava-se. Ao esvaziar as gavetas uma por uma, praticava a desobediência doméstica. Insurgia-se dobrando com cuidado incomparável cada peça de roupa. Entretecida na seda, na lã, no brim a solitude de anos a fio. Quatro anos materializados em tão poucos pertences. Se bem que as mágoas que acumulara não eram nada desprezíveis.

Ao longo da semana, a cada instante, chamavam-na como era o costume naquela casa. Perguntavam-lhe coisas sem importância, como camisas por passar, mantimentos por comprar, canapés por preparar. Tudo sempre por fazer. Esmerara-se nas cartas de despedida. Três. Entre as letras quase desenhadas, decantavam-se coisas por dizer. Calavam-se acusações. Acusação suficiente nas circunstâncias de sua fuga. Antecipava remorsos. Possivelmente, pedidos de desculpa. Varria esses pensamentos de lado. Enquanto escrevia, vinham lembranças de sua avó materna. Ela gostava de repetir que a dor fortalecia. Mas hoje a neta se perguntava: até que ponto? Pousou, sobre a cama, as cartas, três, finais, cujas palavras tinham um peso imponderável. Envelopes brancos sobre os lençóis também brancos.

Ela soltou um suspiro antes de girar a chave. A porta deslizou sem ranger. Puxando a mala, atravessou o limiar, azul, anuviada, e cerrou a porta. Ao descer no elevador, descansou os olhos no painel de botões. Desvencilhava-se da indecisão que lhe sobreviera pontualmente. A luz oblíqua desenhava uma copa de folhas efêmeras sobre o branco da parede da entrada do prédio.

No silêncio da manhãzinha, seguiu até o ponto de ônibus.

Discórdia

Vem do meu coração, do fundo do meu coração. Ele tremulara ao pronunciar essas palavras quando, ainda namorados, oferecera-lhe a adaga corta-papel embrulhada em papel de seda. Observara, sôfrego, os gestos mínimos pelos quais ela procurava não rasgar o papel ao desmanchar o embrulho. Ironia em tanta cautela, pois ela bem sabia que, ao desfolhá-lo, teria em suas mãos uma adaga para cortar papel.

A mesma que descansava, na mesa, acobreada, uma elaborada fênix na ponta, com pedras vermelhas no lugar dos olhos. Por bela que fosse, o corte era cego. Rasgava as folhas à esquerda e à direita. Quase arruinara um Eurípedes bilíngue ao meneá-la pelas páginas da *Medeia*. Havia tamanha inquietação na disposição das asas do pássaro fundido em liga metálica. Nunca estivera certa se pousava ou levantava voo. Cada vez que descansava os olhos sobre as volutas de suas asas, parecia encontrá-las outramente cativas da rigidez metálica.

Era resquício da época de amores ao pé de letra, quando não terminava nunca o encadeamento de palavras, a ânsia de conhecer e se deixar conhecer. Cúpidos, passavam noites em claro. Como se o sol pudesse não se levantar na manhã seguinte e o tempo perigasse não seguir morosamente. Não suspeitavam que um dia poderiam faltar-lhes palavras ou que seus corações pulsariam discordes, talvez.

A adaga corta-papel fora encontrada na feira de antiguidades e quinquilharias, montada sob um arvoredado aos sábados. A fênix fulgurava entre bibelôs de pastores, holandesas, bailarinas e cães estrábicos. O olhar da ave, ao contrário, em nada

hesitava. Apesar de raso, faiscava rutilante. As asas estendidas pareciam prestes a engolfar os céus. Tomou-a em sua mão, a adaga. Sentiu-a pesar mais do que deveria, enleio de ferocidade e paixão. E aquele que viria a ser seu esposo retirou-a de suas mãos.

A senhora que a vendia sorriu enquanto dobrava o papel de embrulho com gestos precisos. Foi de um grande poeta, lhes disse. O presente ganhava uma aura lírica. Media a fita acetinada. A menina notou as veias ramificadas, tão grossas sob a pele solta. Fez o nó puxando as pontas com movimentos econômicos. Cortou as pontas como se fossem raízes. Tão logo entregou o embrulho, deu-lhes as costas, os olhos nebulosos.

Vem do meu coração, ele dissera então, os olhos entre cálidos e ternos, se bem que a voz tremia. E ela rendera-se à paixão que se ia forjando; também, às palavras irresolutas. Enamorada, admirava a fênix. De tempos em tempos. Passaram-se muitos anos antes que o enredar dos fatos a levasse a deixá-la de lado, depositando a faca sobre a escrivaninha lateral, onde acumulava poeira. As palavras, por sua vez, se alojariam em nódulo de localização imprecisa, abaixo da garganta, talvez aninhado nas ramificações bronquiais.

Vem do meu coração, ele insistiria um sem número de vezes. Anos a fio. E, por força da repetição, as palavras, de sinceras, sentidas, fizeram-se bordão. O afeto se acomodara entre hábitos e rotinas. Já não se desdobravam por amores e nem por desamores. Não mais arquejavam ou fremiavam um pelo outro. De certo, havia o conforto dos corpos que se conheciam. E de não terem de se explicar.

Os longos intervalos silenciosos passaram a ser interrompidos por anseios. Já esteve melhor, ela pensava ante o desalento de se desviarem os olhos, seus e dele. Mas calava-se. Se uma ilusão lhe custava caro, mais cara seria a recíproca desilusão. As lembranças vicejavam naquela noite.

Vem do meu coração, ele reiterara. E seu olhar vagava. Como se dissesse algo muito diverso. O que tanto procurava nos rostos estranhos? O dar de mãos era frouxo; as frases, reticentes. Os olhos dele, errantes, a percorrerem a curva de lábios outros.

Naquela noite, inclemente, fechou a fênix numa gaveta, onde permaneceria à mercê do pó e do mofo. Guardada de seu raio de visão, ela ia se ausentando, se deixando esquecer. Entre aliviada e pesarosa, esforçava-se em anulá-la. Aquietava agora o coração. Batia mais leve, mais sereno. Um órgão frágil, o seu coração. Os corações, quaisquer que sejam, têm uma anatomia que ameaça ruir.

Vem do meu coração...? Ele diria depois de amanhã. Mais como quem pergunta que como quem afirma. Por tudo e por nada, invocaria essas palavras. Ou outras, equivalentes. Enquanto isso, seus olhos, esquivos.

Vendo meu coração... O cobre azinhavrara, e o amor, de pouco em pouco, amargava. *Vendo meu coração.*